

Valores para quem quer. Valores para quem precisa.

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

Vende-se um kit de Valores, contendo:

- ✓ Um pacote de fé na transcendência;
- ✓ Um frasco de dignidade humana;
- ✓ Uma caixa de primeiros socorros fraternos;
- ✓ Um sache de esperança.

Preço: a própria vida.

Local de entrega: na residência da intimidade de cada um.

A chamara Era da Incerteza, talvez inaugurada pelo físico alemão Werner Heisenberg no início do século XX, através do chamado Princípio da Incerteza que leva o seu nome e que paradoxalmente *determina* que a velocidade e a localização de um elétron no minúsculo interior de um átomo não podem ser simultaneamente conhecidas, alcançou seus desdobramentos mais amplos no decorrer do referido século, mas traz suas conseqüências que, quem sabe, atravessarão os séculos futuros.

Para mais bem se compreender o que significa o Princípio da Incerteza na vida de cada um cabe recordar que, enquanto humanos, se pode perceber que a fé e a incerteza caminham juntas, de modo inseparável. Enquanto que a fé tem por fundamento crer e agir, a incerteza reflete a descrença e a desordem, um não-agir posto que algo já está dado, involuntariamente; é algo que escapa à vontade de cada um e que se apresenta, independentemente do que se queira ou não.

Quando no auge do Renascimento do Ocidente a Ciência Galileana se estabelece como *Logos*¹, isto é, passa a se constituir como uma *ontologia*² na busca da produção de novos conhecimentos, passa a afetar as visões de homem e de mundo, aquilo que se pode chamar de paradigmas de um tempo histórico. Esta nova onda que tem seu início por volta do século XVI vai crescer em amplitude, ganhando significados de valor ético e estético. O próprio Galileo Galilei se apresenta diante da História como o elemento polemizador entre os domínios da ciência e aqueles defendidos pela religião a respeito do próprio mundo, visões antagônicas e conflitantes.

Enquanto há predominância dos valores religiosos as bases morais de uma sociedade tendem a se manter dentro de limites mais estritos de modo que a crença nos valores comuns do bem, da verdade e da justiça praticada tende a se refletir de modo mais perceptível, ao menos aparentemente. No entanto, a partir que uma crença de natureza espiritual começa a ruir ou a desaparecer, costuma sumir com ela as estruturas éticas com os valores acima citados. Desse modo a vida em si começa a perder seu sentido maior, pois que é comparada à mera existência de mais um corpo, de alguém que pode ter sido *do bem*, ou *do mal*, como se costuma hoje dizer, a partir de uma “nova” lógica maniqueísta. A lógica da eliminação, de tornar o corpo definitivamente inerte ou incapacitado para fazer o mal, ainda que muitos e muitos têm seus corpos mutilados ou destruídos pela mesma lógica sem que tenham feito algum mal aparente, sem ao menos uma chance de julgamento, é a que se faz presente.

Não se contrapõem a religião e a ciência, como antagônicas, mas o que se pode inferir, ainda que grosso modo, é que a crença cega na segunda pode reduzir a crença na primeira, uma vez que uma base de lógica materialista se instala como pressuposto mesmo da concepção atômica do mundo. É como se deixasse de haver espaço para o imponderável, o invisível, de modo que com esta visão que vai se construindo começa-se a questionar até mesmo os princípios que sustentam as visões e ações religiosas expressas por diferentes culturas. Como alguma consequência disso se fica mais

¹ Palavra, estudo, tratado. CUNHA, A. G. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira. 1982.

² Conhecimento do ser. Idem.

propenso a experimentar o mundo como um palco das expressões materializadas da ciência e da tecnologia de cada época e, com isso, volta-se ao contraponto do ter ou ser, onde o primeiro prevaleça com notável evidência.

Pelo exposto a lógica que se instala favorece as relações de troca por valor de mercado, praticamente excluindo aquelas que se referem a trocas por consciência de similitude, isto é, a efetiva consciência de que o outro essencialmente sou eu mesmo. Um corpo pode ser entregue em domicílio para o prazer fugidio de algumas horas, mas pode também se domiciliar, pelo prazer de uma autêntica entrega. Uma mesma lógica milenar que insiste em permanecer além da religiosidade ou da cientificidade que se viva em um século.

À medida que o valor que se estabelece é o valor de troca e que cada vez será preciso correr ainda mais para produzir um pouco menos de bônus para comprar o mundo, instala-se subliminarmente um valor negativo a respeito do ser, processo no qual cresce a valoração do ter, ou seja, se *é* porque se *tem*. Quem não tem quer ter, mas não consegue, pois não construiu elementos dessa cultura, então busca tomar por força da delinquência e da contravenção e a sociedade cria instrumentos legais para enfrentar aquilo que, de fato, foi um subproduto de si mesma.

No entanto, ainda que pesem todos os fardos sobre tão complexo cenário há algo que insiste em permanecer. Quem não quer viver e ser respeitado? Quem não quer ver a si mesmo e ao próximo a quem ama, seguros contra os riscos e perigos iminentes dos dias de hoje e de sempre, se pode acrescentar? Quem espera ver o *bem* suplantando o *mal*, ainda que isso tenha de ser feito, contraditoriamente, por força das armas? A mesma lógica que cria a sociedade da satisfação dos sentidos cria também a sociedade da insatisfação dos valores. Onde estão os valores, muitos se perguntam e, nostalgicamente, se referem a um passado (verdadeiro?) onde, um dia, tudo foi de certa forma melhor.

Na complexidade devida às interações possíveis em função do grau de liberdade ainda que variavelmente limitado de cada um coloca-se duas questões: quem quer valor? Quem precisa de valor?

Talvez não demore muito para se encontrar à venda, na Internet, um kit contendo:

- ✓ Um pacote de fé na transcendência;
- ✓ Um frasco de dignidade humana;
- ✓ Uma caixa de primeiros socorros fraternos;
- ✓ Um sachê de esperança.

Preço: a própria vida.

Local de entrega: na residência da intimidade de cada um.

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE).

Artigo originalmente publicado na Revista Direcional Educador, janeiro/2008.